



# SENTI DOS

Isabela  
Mouradian  
Amatucci

# DA MEMÓ RIA

a experiência  
do cangaço em  
Paulo Afonso/BA

Editora  
Milfontes





Sentidos da  
**Memória**



Copyright © 2020, Isabela Mouradian Amatucci.

Copyright © 2020, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, loja 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

**Compra direta e fale conosco:** <https://editoramilfontes.com.br>

**Obra exclusiva para assinantes do ETHOS - nosso clube.**

[editor@editoramilfontes.com.br](mailto:editor@editoramilfontes.com.br)

Brasil

### **Editor Chefe**

Bruno César Nascimento

### **Curadoria**

Aknaton Toczec Souza (UNISECAL) • Alexandre Avelar (UFU) • Arthur Ávila (UFRGS)

Bruno Guimarães (UFOP) • Cíntia Vieira (UFOP) • Cláudia Viscardi (UFJF)

Diogo Silva Corrêa (UVV) • Dirce Solis (UERJ) • Fabiana Fredrigo (UFG)

Fabio Franzini (UNIFESP) • Flávia Varella (UFSC) • Georgia Amitrano (UFU)

Gessica Guimarães (UERJ) • Julio Bentivoglio (UFES) • Karina Anhezini (UNESP FRANCA)

Marcelo Moraes (UERJ) • Marcelo Rangel (UFOP) • Maria Da Glória Oliveira (UFRRJ)

Pablo Ornelas (UVV) • Rafael Haddock-Lobo (UFRJ) • Ueber de Oliveira (UFES)

Valdei Araujo (UFOP)

### **Curadoria do mês de dezembro de 2020**

Fabio Franzini (UNIFESP)

*Aos Cangaceiros,  
Cangaceiras e  
Volantes  
de Paulo Afonso.*



*Maria Bonita, Lampião foi embora*

*Mas se ele for leva nós também.*

*Ô, ele leva todos os cangaceiros,*

*Ele tem dinheiro pra pagar o trem.*

*Nelson Ferreira da Silva, antigo cangaceiro Zabelê*





# *Cartas aos Leitores*



## *Carta do curador*

Caras leitoras e caros leitores,

É com grande alegria que apresento este livro de Isabela Mouradian Amatucci, resultado da dissertação de mestrado que defendeu em fevereiro deste ano na Universidade de São Paulo. Sua publicação, ao lhe conferir outro suporte, outro acabamento, outra materialidade, vem valorizar e acentuar o trabalho cuidadoso, inteligente e bem articulado realizado pela autora ao estudar os sentidos e os significados de um carnaval muito peculiar – o de Paulo Afonso, na Bahia, que desde a década de 1950 materializa uma narrativa vívida e vivida do cangaço.

Jovem e talentosa pesquisadora, Isabela trilha os caminhos da memória e da tradição da região do sertão do São Francisco guiada pela bússola da historiografia, com espírito de antropóloga e olhos de fotógrafa. Esta combinação poderosa lhe permite pensar de maneira instigante e ousada um tema marcante do imaginário social brasileiro (você já viu *Bacurau?*...) e frequentemente visitado e revisitado por historiadores e cientistas sociais, como mostra sua sólida bibliografia. A um só tempo deslocada e integrada em meio a “cangaceiros” e “volantes”, Isabela busca, pela chave benjaminiana da *experiência*, a *memória espectral* que permeia não apenas os carnavais pauloafonsinos, mas a própria vida da cidade e, sobretudo, a vida dos homens e das mulheres que realizam a festa. Que são a festa. Que recriam a “realidade” por meio da “brincadeira” e, assim, *fazem cangaço*, como bem demarca o texto.

Não é meu papel, aqui, antecipar nada que estrague o prazer da leitura que começará em breve, é claro. No entanto, parece-me fundamental destacar que seria um engano pensar que este livro trata “apenas” de Paulo Afonso ou do cangaço – se assim fosse, aliás, já não seria pouca coisa. Não: a abordagem de Isabela transcende o seu objeto específico de estudo à medida que, por meio dele, demonstra muito bem como “o passado”, a memória e a história não são monopólio dos historiadores e historiadoras; ao contrário, as compreensões e as produções a seu respeito são múltiplas e variadas em abordagens, apropriações e (res)significados, mas nem por isso menos “legítimas” em sua expressão. Ao fazê-lo, ela nos dá um recado fundamental, o qual

deve ser ainda mais valorizado nestes tristes dias de intolerância que vivemos: é preciso estar atento à vitalidade da memória, à dinâmica da história e à pluralidade de conhecimentos que ambas podem produzir.

Ao fim deste ano tão difícil, tão pesado, tão mórbido, espero que este livro traga a vocês, leitoras e leitores do *Clube Ethos*, o mesmo prazer que tive ao lê-lo quando ainda era uma dissertação. E que 2021 nos seja mais leve, com mais livros, com mais reflexão, com mais conhecimento. Só isso nos salvará do obscurantismo.

*Fábio Franzini*

*São Paulo, 22 de dezembro de 2020*

## *Caro leitor(a),*

A nós, historiadores, é dada a possibilidade de conhecer partes da história do mundo. A cada nova história, mil e uma se desdobram. Histórias de gentes que a gente nem imagina. O que este livro traz é apenas um pedaço de um universo de memórias e histórias, que são passadas, contadas, compartilhadas e experimentadas a cada instante que passa. É, antes de mais nada, uma tentativa de colocar em palavras algo que está em constante movimento: a história dos Cangaceiros de Paulo Afonso e a memória do cangaço. Os Cangaceiros de Paulo Afonso nos colocam em um lugar inabitual. Apresentam-nos a dimensão cotidiana e coletiva daqueles que também fazem história com suas memórias. Nos aproximam do nosso próprio objeto em vez de pregar seu distanciamento.

Mais de uma vez me perguntaram qual a minha relação com a cidade de Paulo Afonso. Parece muito estranho que alguém de São Paulo tenha interesse em um lugar tão longínquo como o sertão da Bahia. Antes desta pesquisa, eu e os Cangaceiros de Paulo Afonso apenas dividíamos o gosto pelas histórias do cangaço. Nada além disso. Curiosamente, eu nunca havia percebido como Paulo Afonso estava presente ao meu redor. Depois da minha primeira ida ao município, encontrei pauloafonsinos em São Paulo; encontrei aqueles que recordavam da Cachoeira Grande de Paulo Afonso; encontrei aqueles que ouviam as histórias do cangaço de seus pais e avós.

Sem dúvidas, este é um livro sobre encontros. Sobre habitar o mesmo lugar no espaço e no tempo que outras experiências históricas. Os Cangaceiros de Paulo Afonso nos abrem a possibilidade de ver algo que já aconteceu acontecer novamente, de um modo diferente, ano após ano. Com isso não quero dizer que a história se repete, mas que a ela é dada certas continuidades que são, a princípio, inimagináveis. Cabe apenas aos cangaceiros e volantes apresentar o mundo fantástico do cangaço e alentar o coração das leitoras e leitores do mesmo modo que alentou o meu.

*Isabela Mouradian Amatucci*  
*Autora*



ISABELA MOURADIAN AMATUCCI

# SENTIDOS DA MEMÓRIA

*a experiência do cangaço em Paulo Afonso – BA*

*Coleção ETHOS - Nosso Clube*

*Volume 6*



**EDITORA MILFONTES**  
Vitória, 2020



Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

**Revisão**

Rozimery Baptista Fontana Nascimento

**Capa**

Imagem da capa:

*Adornos do cangaço - Foto do acervo da Autora*

*Arí T. Souza - Aspectos*

**Projeto Gráfico e Editoração**

Bruno César Nascimento

**Impressão e Acabamento**

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

A488s Amatuucci, Isabela Mouradian.

Sentidos da Memória: a experiência do cangaço em Paulo Afonso - BA/ Isabela Mouradian Amatuucci. Coleção Ethos - Nosso Clube. Volume 6.

Vitória: Editora Milfontes, 2020.

216 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-34-7

1. História 2. Memória 3. Cangaço 4. Paulo Afonso I. Amatuucci, Isabela Mouradian  
II. Título.

CDD 981.05

# Sumário

Carta do curador.....	II
Caro leitor(a), .....	13
Prefácio.....	19
Introdução.....	23
<b>Capítulo 1: Paulo Afonso dentro e fora do cangaço.....</b>	<b>49</b>
<i>Paulo Afonso e o cangaço</i> .....	52
<i>A segunda fase do cangaço</i> .....	52
<i>Espectro do cangaço</i> .....	57
<i>A Chesf e os Cangaceiros de Paulo Afonso</i> .....	69
<i>Paulo Afonso faz cangaço</i> .....	75
<i>O espaço da experiência</i> .....	75
<i>A narrativa como forma de se fazer historicamente</i> .....	79
<b>Capítulo 2: “O bom cangaceiro não tira o chapéu da cabeça, a não ser por morte.” .....</b>	<b>89</b>
<i>Quarta-Feira de Cinzas, o “acerto de contas”</i> .....	91
<i>“A brincadeira entre amigos”</i> .....	93
<i>A Associação Folclórica e Comunitária</i> .....	96
<i>Nomes e cargos</i> .....	101
<i>Lampião e o comando</i> .....	104
<i>Trajes, vestimentas e adornos</i> .....	106
<i>“O bom cangaceiro não tira o chapéu da cabeça, a não ser por morte.”, ou como ser um cangaceiro</i> .....	111
<i>Composições: toada, xaxado, forró e baião</i> .....	113
<i>A festa de carnaval</i> .....	118
<i>O tempo do carnaval</i> .....	130
<i>“Cangaceiro é caminhada”: a produção de território</i> .....	136

<b>Capítulo 3: Agenciamentos da Memória do Cangaço .....</b>	<b>141</b>
<i>Aspectos da memória do cangaço.....</i>	<i>143</i>
<i>Os vestígios .....</i>	<i>150</i>
<i>Locais, objetos, reproduções e narrativas.....</i>	<i>150</i>
<i>A Rota do Cangaço.....</i>	<i>156</i>
<i>Serra Talhada .....</i>	<i>157</i>
<i>Triunfo.....</i>	<i>164</i>
<i>Mossoró.....</i>	<i>166</i>
<i>Piranhas e Poço Redondo.....</i>	<i>168</i>
<i>Pesquisadores do Cangaço: agenciamentos dos fatos.....</i>	<i>173</i>
<i>Paulo Afonso: a inscrição do cangaço no município.....</i>	<i>176</i>
<i>Agenciamento do espaço e dos objetos do cangaço.....</i>	<i>177</i>
<i>Agenciamento da experiência: os Cangaceiros de Paulo Afonso.....</i>	<i>184</i>
<b>Conclusão.....</b>	<b>189</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>195</b>
<b>Referências .....</b>	<b>209</b>

# Prefácio

Sentidos da memória é um livro que pode ser apreciado por leitores com interesses os mais variados: o fenômeno do cangaço e seus ecos atuais, o carnaval e as festas, a história de Paulo Afonso e os modos de vida dos pauloafonsinos – e por aí vai, a depender das chaves de leitura adotadas por quem se dispuser a acompanhar Isabela Amatucci em sua tentativa de expressar em texto “algo que está em constante movimento”.

O prefaciador que buscasse impor a sua própria chave de leitura deporia, mesmo que involuntariamente, contra a riqueza deste livro. O que posso então dividir com outras testemunhas dos encontros de Isabela Amatucci com cangaceiros/as e volantes de Paulo Afonso é uma chave de leitura muito particular, de alguém, por dever de ofício, levado a refletir com certa frequência sobre métodos em História. Essa chave constitui-se de dois elementos – a memória e a interdisciplinaridade – presentes ao longo de toda obra, mas sobre os quais autora, felizmente, evita fazer as proclamações exclamatórias tão ao gosto de sentenciadores teóricos que querem ensinar a fazer bolos sem colocar a mão na massa.

Memória: aqueles que, como eu, cumpriram seus anos iniciais de formação em História nos anos 1990 acompanharam a explosão desse tema como matéria de interesse de historiadoras e historiadores (brasileiros, certamente, mas não só). Esse movimento foi acompanhado por uma tendência na disciplina histórica a entender o passado não como algo dado, mas sim “criado”, “construído”, “inventado” na esteira das experiências presentes de quem atua nessa criação. O trabalho da Isabela Amatucci não propriamente contradiz isso, mas complexifica o problema. Não se trata aqui, afinal, de restituir um realismo que levaria a desacreditar a memória do cangaço em Paulo Afonso e tomá-la como uma expressão falsa, distorcida, da chamada segunda fase do cangaço. Não se trata, tampouco, de reduzir experiência dos cangaceiros de Paulo Afonso a uma narrativa necessariamente cindida, como qualquer outra, de um passado inapreensível. O que cangaceiros e volantes de Paulo Afonso

ensinaram a Isabela Amatucci e, por extensão, a todos os seus leitores, é que não se pode reduzir a memória nem à distorção afetiva do que realmente aconteceu, nem à projeção de um presente hipertrofiado sobre um passado inerte. A memória do cangaço em Paulo Afonso não é uma reprodução fiel do cangaço histórico, mas nunca se desligou inteiramente desse cangaço. Nem o processo histórico é algo dado, nem a narrativa é uma invenção livre. Na *brincadeira* de carnaval, cangaceiros e volantes atualizam uma *memória espectral*, para usar os termos da autora, dos feitos de Lampião e seus companheiros: “ainda que materialmente invisível, imaterialmente presente, tal como foi a atuação ou o efeito da atuação do cangaço de Lampião sobre o sertão”.

Interdisciplinaridade. O trabalho de Isabela Amatucci há de causar estranheza aos espíritos mais ciosos de certas divisões disciplinares. Grande parte da pesquisa de que resulta o livro é, afinal, etnográfica, o que implica expedientes de prova que não correspondem àqueles previstos em definições socialmente dominantes do que seja o “ofício de historiador” (constituição de um corpus de fontes arquivísticas, longas citações de documentos escritos, avaliação do que outros autores disseram dos mesmos documentos etc.). São diversos os aspectos a se ponderar quanto a isso. Em primeiro lugar, não há definição de disciplina que não engendre uma norma de afinidade com disciplinas outras. Os guardiões da pureza antropológica ou histórica não escapam a isso, ainda que queiram. Em segundo lugar, historiadoras e historiadores haverão de reconhecer que a memória foi transformada em terreno de pesquisa institucionalmente dominado por elas e eles. Pois bem: por que haveriam historiadores profissionais de recusar ir além das analogias pontuais com a Antropologia e fazer uso ferramenta por excelência dos antropólogos, a etnografia? Os antropólogos lidam eles próprios constantemente com “documentos”, matéria-prima do historiador, e ainda bem que o fazem. Porque, no fundo, nós devemos adaptar nossos “materiais e métodos” às interrogações que propomos a respeito de determinadas relações sociais, e não recortar essas relações para justificar nossas concepções engessadas de métodos e materiais, pelas quais cada disciplina teria uma caixinha de ferramentas que o dono de outra caixinha não poderia jamais violar. Da caixinha dos historiadores, seria possível pinçar a história oral, que tanto contribuiu para a historiografia das últimas décadas. Ocorre que, como

poderá constatar o leitor, aquilo que se podia colher em Paulo Afonso por meio da situação da entrevista era muito menos interessante, à luz das questões de que moviam a pesquisa, do que as descobertas produzidas pelo fato de a pesquisadora estar junto às pessoas que fazem o cangaço da cidade e, mais ainda, ser afetada por elas, na feliz formulação de Jeanne Favret-Saada, recuperada adiante por Isabela Amatucci.

“Cangaceiro é caminhada”, como diz Heleno José de Oliveira, o Seu Heleno, um dos mais importantes interlocutores de Isabela Amatucci ao longo de sua pesquisa. A autora assumiu o risco de caminhar, à custa da uma imagem consolidada do que seja ser historiadora, mas em benefício da compreensão da memória do cangaço de Paulo Afonso. Vale a pena caminhar com ela e, quem sabe, rever concepções enrijecidas de cangaço, memória, disciplina e o que mais for desvendado pelas chaves de leitura que aprouverem a cada um.

*Prof. Dr. Miguel Soares Palmeira*  
*Departamento de História da Universidade de São Paulo*